

VENI CREATOR

REVISTA TEOLÓGICA DA
RENOVAÇÃO CARISMÁTICA CATÓLICA DO BRASIL
A.01 - N.01 - JANEIRO/JUNHO 2012

ISSN 2238-0140



RCCBRASIL

RENOVAÇÃO CARISMÁTICA CATÓLICA DO BRASIL

VENI CREATOR
Revista Teológica

a. 01 – n. 01 – janeiro/junho 2012
Pelotas/RS

ISSN 2238-0140

VENI CREATOR – REVISTA TEOLÓGICA

Uma publicação da Renovação Carismática Católica do Brasil.

Diretor: Marcos Volcan

Diretor de redação: José Rogerio Soares dos Santos

Conselho Editorial:

Evandro Gussi (Doutor em Direito Constitucional pela Faculdade de Direito do Largo de São Francisco-SP)
Luiz Carlos Nunes de Santana (Mestre em Educação UNISANTOS-SP/Bacharel em Teologia CLARENTIANOS-SP)
Lúcia Inês Ugoski Volcan Zolin (Mestra em Teologia PUC-RS/Bacharel em Jornalismo UCPEL-RS)
Marcos Volcan (Mestre em Ciências UFPEL-RS/Mestre em Teologia PUC-RS)
Reinaldo Beserra dos Reis (Pedagogo PUC-Campinas)
José Rogerio Soares dos Santos (Mestrando em Teologia PUC-SP)
Sérgio Carlos Zavaris (Doutor em Educação pela Universidad Del Mar, Viña del Mar, Chile)

Colaboraram nesta edição:

José Rogerio Soares dos Santos, Reinaldo Beserra dos Reis, Ronaldo José de Sousa e Lúcia Volcan Zolin

Tradução para o inglês dos abstracts: Maria Beatriz Spier Vargas

Revisão: Mari Bortolato Spessato e Marcell Tessmer Blank

Editora: RCCBRASIL – Associação Leão XIII

Periodicidade: semestral

ISSN 2238-0140

Redação e Administração:

Escritório Administrativo da Renovação Carismática Católica do Brasil
Diretor Administrativo - Márcio Zolin

Contato com a Redação:

E-mail: revistavenicreator@rccbrasil.org.br
Telefone: (53) 3227 - 0710

Atendimento ao assinante: (53) 3227 - 0710

Projeto Gráfico: Priscila Lages Gomes Faria Carvalho

APRESENTAÇÃO

A Renovação Carismática Católica (RCC), como movimento eclesial, tem sido um instrumento de Deus na transformação da vida de milhões de pessoas.

Nestes 45 anos - desde que este acontecimento religioso surgiu no mundo, despertou diferentes interesses e reações. Alguns analistas, ao comparar a RCC a outros fenômenos com características sociológicas semelhantes, chegaram a fazer ensaios para definir seu término.

No entanto, atualmente, a Renovação Carismática Católica está presente em todos os continentes, em mais de 200 países. No Brasil possui aproximadamente 20 mil Grupos de Oração, distribuídos em cerca de 250 dioceses, onde se expressa de diversas formas e mantém vínculos com inúmeras Novas Comunidades, Associações e variados trabalhos de evangelização, de mesma matriz espiritual.

Evidentemente, foram muitos os desafios que o Movimento enfrentou, e ainda enfrenta, para consolidar sua trajetória e ter sua cidadania eclesial reconhecida. Por vezes, a RCC tem sido mal interpretada, ou até tem dificuldades em fazer-se interpretar. Entretanto, algo aconteceu neste tempo e temos certeza que isto contribuiu para que a RCC chegasse bem vigorosa, preparando-se para celebrar seu jubileu de ouro em 2017, ou seja, uma análise séria e responsável sobre ela, nos levará a perceber que a RCC procurou refletir constantemente sobre sua identidade, missão e história. Sempre que realiza este percurso ela revigora-se, tem mais forças para superar as dificuldades e seus próprios limites.

Desta forma, devemos continuar cultivando espaços para pensarmos sobre ela, escutar o que dizem a seu respeito, interpretá-la e reinterpretá-la, principalmente sob a perspectiva da ciência teológica, em especial da pneumatologia.

Parabenizamos ao nosso Grupo de Reflexão Teológico-pastoral por esta iniciativa de produzir uma revista de teologia sobre a RCC. Um passo simples, de iniciação, mas que revela o desejo de

manter um caminho de permanente investigação.

A escolha do nome - *Veni Creator* - fala por si. Ao evocar a Terceira Pessoa da Trindade, manifesta o desejo que a RCC tem de ser instrumento de Deus a serviço de todo o seu povo. Declara a intenção deste Movimento em testemunhar sua vocação de ser “rosto e memória de Pentecostes”, proclamando a atualidade da ação do Espírito Santo, que se move no coração humano e na história, revelando Jesus como Senhor!

Que Deus nos conceda as graças necessárias para que o esforço aqui empreendido possa perseverar, gerando frutos de maturidade para toda a nossa amada Igreja.

Marcos Volcan

Presidente do Conselho Nacional da RCCBrasil

EDITORIAL

1º Semestre 2012

Dirigindo-se aos participantes do Congresso Mundial dos Movimentos Eclesiais, em maio de 1998, o papa Beato João Paulo II dizia: “Hoje, diante de vós, abre-se uma etapa nova, a da maturidade eclesial”. O caminho percorrido pela RCC, sobretudo a partir dessa orientação papal, foi de procurar em cada uma de suas ações compreender seu lugar na Igreja e na Evangelização. Muitos passos tem sido dados pelo Movimento, a fim de corresponder ao chamado específico dessa realidade carismática, fruto de uma autêntica irrupção do Espírito em nossos tempos na Igreja do Brasil.

Dentre os vários caminhos empreendidos pela RCC Brasil para favorecer a maturidade de seus participantes, o Grupo de Reflexão Teológico-pastoral (GRTP) vem promovendo diversos encontros, simpósios e congressos teológico-pastorais, sejam em âmbito nacional, estadual ou mesmo diocesanos. Em cada um dos eventos, as temáticas sempre estiveram relacionadas à vida da RCC.

A busca pela verdade da fé e de suas legítimas expressões será sempre necessária para quem deseja ser fiel à própria vocação. Nesse sentido, os espaços permanentes de reflexão teológica devem servir como verdadeiros areópagos (At 17,19) onde a fé possa ser apresentada, fundamentada e testemunhada. A Revista Teológica *Veni Creator* que agora iniciamos, é mais um desses espaços privilegiados de reflexão permanente a respeito de tudo o que envolve a vida e dinâmica da RCC no Brasil.

Nesse primeiro número, o Conselho Editorial oferece a possibilidade ao leitor de conhecer alguns dos temas emergentes na vida da RCC. No caminho para compreender o desafio de fecundar a Cultura de Pentecostes, expressão que já faz parte do vocabulário do Movimento, iniciamos com um artigo em que se aborda essa realidade como ponto essencial e decorrente de uma autêntica experiência pessoal e comunitária do Espírito. Sem a vida no Espírito as ações humanas podem demonstrar-se desprovidas de valor. O artigo apresenta duas dimensões correlacionadas e necessá-

rias para a efetivação da Cultura de Pentecostes: a dimensão espiritual e a social.

Reinaldo Beserra dos Reis, em seu artigo sobre os ministérios na RCC apresenta a questão sobre a utilização do termo “ministério” na práxis do Movimento Carismático, buscando apresentar caminhos que possam ajudar no discernimento da legitimidade dos ministérios no âmbito da RCC a fim de corresponder melhor à atual necessidade da evangelização.

Ronaldo José de Sousa discute as razões pelas quais surgiram, no interior do catolicismo as “comunidades de vida no Espírito”, associações de católicos carismáticos de ambos os sexos e de diversos estados de vida (casados, solteiros, sacerdotes, celibatários) que renunciam a seus planos individuais para morarem juntos e trabalharem integralmente em favor dos objetivos institucionais geralmente propostos por um fundador ou fundadora.

No artigo “A comunicação humana à luz da Revelação Divina”, Lúcia Inês Ugoski Volcan Zolin, em documentos do Magistério da Igreja, busca fundamentar a comunicação humana como reflexo de uma realidade transbordante de Deus-Trindade que inspira, purifica e dá sentido a todas as formas de comunicação. A Igreja, e de modo particular a RCC, em sua vocação de comunicar a vida de Deus através da Palavra no poder do Espírito, utiliza-se dos *mass media* para influenciar ou mesmo re-criar os costumes de um povo e a própria cultura em que se insere, gerando verdadeira comunhão.

Desejamos que este novo projeto da RCCBRASIL consiga colaborar com a reflexão teológico-pastoral, despertando em todos a busca sincera e responsável pela Verdade, a fim de purificar e aperfeiçoar o mandato que todos recebemos de testemunhar Jesus Cristo no poder do Espírito.

Rogério Soares

Coordenador Grupo de Reflexão Teológico-pastoral (GRTP)

Artigos Científicos
Original Articles

O PROTAGONISMO DO ESPÍRITO E A CULTURA DE PENTECOSTES <i>The Protagonism of the Spirit and the Culture of Pentecost</i> José Rogerio Soares dos Santos.....	11
MINISTÉRIOS NA RCC <i>The Ministries in the CCR</i> Reinaldo Beserra dos Reis.....	23
COMUNIDADES DE VIDA - Uma alternativa às paróquias? <i>Life Communities - An Alternative to Parishes?</i> Ronaldo José de Sousa.....	31
A COMUNICAÇÃO HUMANA À LUZ DA REVELAÇÃO DIVINA <i>Human Communication in the Light of Divine Revelation</i> Lúcia Inês Ugoski Volcan Zolin	43

O PROTAGONISMO DO ESPÍRITO E A CULTURA DE PENTECOSTES

José Rogerio Soares dos Santos*

Resumo: O presente artigo enfatiza a necessidade do Espírito Santo para a concretização da civilização do amor. Convocada pelo Magistério a tornar o Espírito Santo conhecido e amado, a Renovação Carismática Católica vê-se no dever de co-protagonizar uma evangelização que ajude a moldar a Cultura de Pentecostes, a única que pode fecundar a civilização do amor. Para esses fins, a experiência pessoal e comunitária do Espírito torna-se constitutiva para um eficaz protagonismo. Na reflexão em questão, duas dimensões estão correlacionadas e destacam-se como necessárias: as dimensões espiritual e social da cultura de Pentecostes.

Palavras-chave: Cultura de Pentecostes; Espírito Santo; experiência; protagonismo.

Abstract: The present article emphasizes the decisive role of the Holy Spirit in developing the civilization of love. Called by the Magisterium to make the Holy Spirit loved and known The Catholic Charismatic Renewal takes on the duty of becoming a co-protagonist in the development of an evangelization that helps to build the Culture of Pentecost, the only one capable of sowing the civilization of love. To such end, both the personal and community experience of the Spirit becomes a constitutive part of an effective protagonism. In this present reflection two dimensions are presented as co-related and equally necessary: the spiritual and the social dimensions of the culture of Pentecost.

Key words: Culture of Pentecost; Holy Spirit; experience; protagonism.

INTRODUÇÃO

“Cultura de Pentecostes” e “civilização do amor” são temas que emergem dos pronunciamentos recentes do Magistério da Igreja Católica. João Paulo II, numa locução de 2002, dirigida ao

Rinnovamento nel Spirito Santo, na Itália, falou sobre a responsabilidade da Igreja na implantação da civilização do amor, e apontou a Cultura de Pentecostes como a “única que pode fecundar a civilização do amor e a convivência entre os povos.”¹

* Mestrando em Teologia Sistemática pela PUC-SP; Bacharel em Teologia pela UNISAL-SP. Exerce a presidência do Conselho Estadual da Renovação Carismática Católica de São Paulo e coordena o Grupo de Reflexão Teológico-pastoral da RCC Brasil.

¹ Posteriormente, no dia 14 de março de 2004, em discurso a uma delegação da Renovação no Espírito Santo (*Rinnovamento nel Spirito Santo*) por ocasião do trigésimo aniversário do Movimento na Itália, João Paulo II convocou os participantes a assumirem a responsabilidade de difundir a obra do Espírito. Na ocasião disse que, tornar o Espírito Santo conhecido e amado, era a única forma de avançar na fecundação da Cultura de Pentecostes, a única capaz de fecundar a civilização do amor. Desde então, o Serviço Internacional da Renovação Carismática Católica (ICCRS) trabalha na reflexão teológico-pastoral do tema Cultura de Pentecostes. Também no Brasil, a temática tem ocupado os principais fóruns e eventos formativos do Movimento. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/speeches/2002/march/documents/hf_jp-ii_spe_20020314_rinnovamento-spirito-santo_po.html>. Acesso em: 20/set/2001.

Em meio à pluralidade cultural contemporânea, parece ser utópica a proposta de trabalhar para construir uma civilização do amor. Cada grupo de pessoas comporta-se de maneira diferente, gerando, a seu modo, novas culturas ou remodelando as já existentes. Os cristãos, por sua vez, a partir da experiência eclesial de Pentecostes e segundo os ensinamentos e modo de viver de Jesus, passam a ter um novo estilo de vida, comportamentos que se refletem numa nova forma de pensar e agir segundo o Espírito. Embora inseridos em culturas específicas no tempo e na história, tornam-se agentes transformadores a partir dessa nova vida no Espírito. O Espírito Santo prometido por Jesus, “principal agente da evangelização”, segundo as palavras de Paulo VI, é quem os anima e capacita nessa missão.

A *civilização do amor* tem sua fonte no Espírito, que, em Deus, é o laço que une reciprocamente o Pai ao Filho – sentido teológico da “pessoa” do Espírito. O Espírito não se impõe, mas em virtude de sua característica de ser, em Deus, dom interpessoal, deve ser acolhido como aquele que nos une, tal qual une Pai e Filho na Trindade. Sua ação é, portanto, o dom pelo qual Deus, que é Amor, comunica-nos a sua vida, o amor que anima a vida das pessoas, das comunidades e da sociedade. Nesse sentido, Pentecostes é a efetivação do dom (envio, missão) do Espírito na história, feito pelo Filho encarnado, morto e glorificado, que nos leva a participar da vida divina, no amor, e viver em comunidade, como mostram os últimos versículos do capítulo segundo dos Atos dos Apóstolos.

A Igreja, por sua vez, tem por missão testemunhar, pela vida e pelo louvor, o primado do dom do Espírito oferecido a todos os humanos. Ela é convidada a participar da vida de Deus desde agora, comunhão no Espírito, no amor: a *civilização do amor*.

A Cultura de Pentecostes não depende, *a priori*, de um conjunto de normas ou pressupostos teóricos. Ela é antes resultado de uma presença ativa do Espírito na vida de fiéis que se deixam por Ele possuir e conduzir, e que, por isso, testemunham o amor com *parresia* e alegria evangélica, no cotidiano e em suas múltiplas relações. Ela não se impõe, substitui ou exclui a diversidade de culturas presentes na humanidade. Antes, à luz do mistério pascal e de seu coroamento com a vinda do Espírito em Pentecos-

tes, “purifica” (cf. Ez 36,25.29) e leva à perfeição as diversas culturas. Desse modo é compreendida sob a perspectiva que aqui procuraremos expor, a Cultura de Pentecostes apresenta-se, de fato, como sendo a única que pode fecundar a *civilização do amor* e a convivência entre os povos, segundo as palavras de João Paulo II.

DEUS AGE NA HISTÓRIA

Mais que discutir a existência e transcendência de Deus, o momento que vivemos conduz-nos necessariamente a refletir sobre a *ação divina* em sua relação com o Povo de Deus, a Igreja.

A Sagrada Escritura inicia falando de Deus em seu dinamismo criador (Gn 1,1). O autor do livro do Gênesis diz que o “Espírito de Deus se *movia* sobre a face das águas” (Gn 1,2). Nesse sentido, “Deus é ação.” (COMBLIN, 1982, p.11). Em Deus não há quietismo. Em sua existência não-estática, através da *dabar* e da *ruah*, Deus atua na obra da criação. “Pela sua palavra, o Senhor fez os céus, e todos os exércitos deles através do sopro de sua boca” (Sl 33,6). Santo Irineu (IRINEU DE LIÃO), ao usar a imagem das “duas mãos” do Pai, referindo-se ao Verbo e ao Espírito, parece também querer indicar os meios pelos quais o Pai *age* na história humana.

A ação e obra divinas no mundo se devem às três pessoas da Santíssima Trindade. A obra do Pai fica em relevo nos relatos do Antigo Testamento, enquanto o Filho e o Espírito Santo são figurados como promessas. “[...] os dois, sem serem ainda plenamente revelados, já são prometidos, a fim de serem esperados e acolhidos quando se manifestarem” (CIC 172).

O Novo Testamento, por sua vez, tem o seu centro constituído na pessoa do Filho, que age *no* Espírito. O Espírito Santo, terceira pessoa da Trindade, é prometido por Jesus Cristo e deverá levar à plenitude a obra de salvação (cf. Jo 14,16-17).

O Filho, por sua vez, não vem para substituir os planos do Pai sobre a salvação do mundo, assim como o Espírito Santo não é uma substituição da obra redentora de Cristo, senão seu complemento. [O Espírito] intervém na vida de Cristo: encarnação (Lc 1,35), batismo (Jo 1,32), conduzindo-o ao deserto (Mc 1,12-13). Em vida, Jesus promete o Espírito

Santo para depois de sua morte (Jo 7,39; 16,7; At 1,8) (ANCELLI, 1983, p. 06).

A ação do Pai é manifestada na Sagrada Escritura por meio de muitas imagens, sendo que “a imagem perfeita, referência de todas as outras imagens é Jesus Cristo: nele e por meio dele se mostra a ação do Pai. A práxis de Jesus, tal como é referida pelos Evangelhos e conservada pela Igreja é a fiel expressão da ação divina” (COMBLIN, 1982, p. 50). Toda ação de Jesus é, portanto, ação de Deus. Ele veio “para *fazer* a vontade do Pai” (cf. Hb 10,9). Isso significa dizer que a missão do Filho é também ação do Pai na história humana. Não obstante, o agir humano de Jesus se realiza na força do Espírito que o unge e o conduz na missão (cf. Lc 4,18). De fato, depois de ter sido batizado, Jesus é “conduzido no Espírito” (Lc 4,1), iniciando assim seu ministério.

O Filho e o Espírito, realizando em comum o desígnio do Pai que os envia, tornam manifesta a sua verdade una. Mas não o fazem da mesma forma. Cada um imprime na própria missão a sua marca hipostática. A missão de Cristo é de ordem objetiva e contém um valor universal, ou seja, realizar, de uma vez por todas, a redenção do mundo (cf. Gl 3,8; 4,4-5). Quanto ao Espírito Santo, sua missão é mais interior e de cunho escatológico (cf. Ef 1,14), ou seja, personalizar ‘nos corações’ a herança agraciada e agraciadora de Cristo (cf. Gl 4,6; 6,8). Sob distintos modos de ação, ambos servem ao mesmo Evangelho da liberdade e da graça (cf. Gl 1,4-10) (NOGUEIRA, 1995, p. 58-59).

Os eventos históricos da vida de Jesus são realizados em concomitância com a ação do Espírito. É possível observar que desde a encarnação do Verbo no ventre de Maria, por obra do Espírito, e passando pelas diversas intervenções do Espírito na história, como por exemplo, na ocasião do batismo de Jesus no rio Jordão e sua subsequente partida para o deserto, a vida de Jesus foi marcada por uma constante irrupção do Espírito.

Como expressa o Novo Testamento, o fruto concebido no ventre de Maria é santo pela força do Espírito Santo (cf. Lc 1,35), e santo será o modo perfeito de Jesus viver a obediência filial ao Pai (cf. Hb 10,5-9), sob a assistência permanente do Espírito Santo (NOGUEIRA, 1995, p. 52).

Na Galileia, dentro da sinagoga de Nazaré, “cheio da força do Espírito” (Lc 4,14) Jesus proclama aquilo que viria a ser uma síntese de sua missão: “O Espírito do Senhor está sobre mim, porque Ele me ungiu para anunciar a boa nova aos pobres; enviou-me para proclamar aos cativos a libertação e aos cegos, a recuperação da vista, para restituir aos oprimidos e liberdade e para proclamar um ano de graça do Senhor.” (Lc 4,18-19). O discurso de Pedro, na casa de Cornélio, também procura deixar clara a íntima relação do agir do Espírito na vida e missão de Jesus: “Começando pela Galileia, depois do batismo que João pregou, como Deus ungiu a Jesus de Nazaré com o Espírito Santo e com poder; o qual andou fazendo o bem e curando a todos os oprimidos do diabo, porque Deus era com ele.” (At 10,37-38).

Cirilo de Jerusalém ensinava que “era preciso que as coisas melhores e as primícias daquilo que o Espírito Santo dá aos batizados fossem oferecidas à humanidade do Salvador, que depois distribui toda graça.” (NOGUEIRA, 1995, p. 59).

A vida de Jesus, portanto, está marcada pela relação íntima com o Espírito. O Espírito Santo age por *meio* de Jesus, e não apenas *sobre* Jesus. Quando Jesus se coloca em oração, é o Espírito quem o faz exultar de alegria (cf. Lc 10,21-22). E, ainda, é por meio do Espírito que Deus o ressuscita e o glorifica (cf. 1Tm 3,16; 1Pd 3,18).

Hilberath (2008, p. 420) entende que Jesus, desde a concepção até a ressurreição, tem sua “existência a partir do Espírito”. Ele é o “portador do Espírito.” (HILBERATH, 2008, p. 428). Ele “não é um pneumático ou carismático em sentido usual: diferentemente dos líderes carismáticos e profetas, ele não é impelido *pelo* Espírito por causa de algum ensejo atual e de modo passageiro, mas é guiado no deserto *no* Espírito (Lc 4,1) e regressa para a Galileia ‘no poder do Espírito’ (Lc 4,14).” (HILBERATH, 2008, p. 431).

Desde seu batismo, Jesus está repleto do Espírito Santo; a ligação permanente entre Jesus e o Espírito é sublinhada pela escolha do adjetivo *pleres*, que expressa uma repleção contínua (HILBERATH, 2008). Antes de sua Páscoa, Jesus é o portador do Espírito por excelência. Depois de exaltado e glorificado, torna-se o doador do Espírito.

O evangelista Lucas, por sua vez, apresenta-nos duas cenas significativas para nosso tema. Na primeira, enquanto os dois discípulos retornam de Emaús e narram aos apóstolos o encontro que haviam tido com o Senhor ressuscitado, Jesus se apresenta no meio deles e promete enviar o Espírito prometido pelo Pai. Para isso, eles deveriam permanecer na cidade até que recebessem o poder do alto (Lc 24, 49). Noutra cena apresentada por Lucas no início dos Atos dos Apóstolos, Jesus anuncia aos discípulos que eles seriam “batizados no Espírito Santo dentro de poucos dias” (At 1,5). Depois de Lucas apresentar o Espírito em sua relação íntima no ministério de Jesus, ele desloca sua narrativa em direção à ação do Espírito na vida da comunidade cristã nascente.

O ESPÍRITO AGE NA IGREJA E POR MEIO DELA

A descida do Espírito sobre os discípulos em Jerusalém no dia de Pentecostes (cf. At 2) é, pois, determinante para o nosso tema. É sobretudo nessa ação do Espírito no dia de Pentecostes que a Igreja experimenta o impacto de uma primeira irrupção do Espírito. O Espírito agora é dado *para* a Igreja e em função de sua missão, manifestando-a publicamente. A Igreja reconhece que “a missão de Cristo e do Espírito Santo realiza-se na Igreja, Corpo de Cristo e Templo do Espírito Santo.” (CIC 737).

No dia de Pentecostes (no fim das sete semanas pascais), a Páscoa de Cristo se realiza na efusão do Espírito Santo, que é manifestado, dado e comunicado como Pessoa Divina: de sua plenitude, Cristo, Senhor, derrama em profusão o Espírito (CIC 731). Esse dia marca a revelação plena da Santíssima Trindade (CIC 732) e a Igreja é manifestada publicamente diante da multidão, começando a difusão do Evangelho por meio da pregação, como ensinam os padres conciliares na Ad Gentes (AG 4).

O dom do Espírito dado em Pentecostes é o princípio que realiza a santificação interior e pessoal daqueles que o recebem. Decorre dessa afirmação não só o fato de o Espírito ser o animador de cada fiel, mas também de toda a vida interna da comunidade de batizados.

A narrativa de Lucas, no entanto, parece que-

rer enfatizar o fato da intervenção do Espírito em seu princípio dinâmico para o desenvolvimento da Igreja *para fora*. Obviamente, não nos parece que o autor pretendesse contrapor a ação *ad intra* ou *ad extra* do Espírito. Embora as irrupções do Espírito narradas por Lucas sejam apresentadas comumente em ação carismática constatável e em vista do testemunho, não podem ser reduzidas a somente esse aspecto. O Papa Paulo VI, na *Evangelii Nuntiandi* (EN), questiona o fato de que se o anúncio não for realizado por testemunhas “que receberam primeiro em si a alegria de Cristo” (PAULO VI, 1986, n. 80), de onde viria o poder e a coragem para a proclamação do Evangelho?

EXPERIÊNCIA DO ESPÍRITO, BASE PARA UMA CULTURA DE PENTECOSTES

Não podemos imaginar a fé cristã *apenas* como o recebimento de um discurso ou de experiências alheias transmitidas. É preciso considerar que o testemunho de fé provoca no ouvinte uma profunda *comoção* (cf. At 2,37) e é essa experiência do Espírito que, por sua vez, leva à conversão e ao batismo (At 2,38).

Heribert Mühlen define *experiência* como sendo o conhecimento adquirido no múltiplo contato com os homens e coisas, em oposição ao conhecimento meramente livresco. Experiência se dá sempre pelo contato imediato, proporcionado pelos sentidos, em oposição ao conhecimento que adquirimos através dos outros, por leitura ou por ouvir dizer (MÜHLEN, 1974, p. 69). De fato, uma coisa é ouvir alguém descrever a beleza de um jardim florido; outra coisa é entrar num jardim, ver a beleza das flores e sentir o seu perfume. Mühlen, ao dizer que o Espírito vai nos “lembrar” tudo o que fora dito por Jesus (Jo 14,26), defende que “lembrança” significa *tornar novamente presente*, atualizando o fato.

Em nosso caso, não se trata de um salto de volta, não-histórico, numa Igreja primitiva idealizada, e sim da abertura para o fato maravilhoso de que o Espírito Santo desce sobre nós, aqui e agora, da mesma forma *experimentável* que Ele, ‘no princípio’, desceu sobre os Apóstolos, Maria e os demais que estão mencionados na história pentecostal de Lucas (At 11,15) (MÜHLEN, 1974, p. 73).

Mühlen entende a experiência do Espírito como um acontecimento que impele o homem a sair de si mesmo, movendo-se a autotranscender-se e até a auto-entregar-se aos serviço dos outros. A experiência do Espírito não se dá num sentido isoladamente vertical, num imediatismo não-histórico com Deus, obviamente. Reconhecemos que o Novo Testamento nega que se possa falar de um conhecimento radicalmente *imediato* de Deus, como o exigem a gnose e a mística fora do cristianismo. Qualquer “conhecimento” relativo a Deus está ligado à revelação de Jesus, pois só Ele viu realmente o Pai. A sua revelação provém de experiência direta de Deus (cf. Jo 3,32s). Jesus, pelo seu testemunho, deixa-nos participar da sua própria experiência de Deus. Nós vemos e experimentamos, portanto, o Pai apenas na medida em que, na força do Espírito de Jesus, damos testemunho da sua experiência de Deus (MÜHLEN, 1974).

Experiência, na definição do teólogo Yves Congar (2005, p. 13), é a “percepção da realidade de Deus vindo até nós, ativo em nós e por nós, atraindo-nos a si numa comunhão, numa amizade, isto é, num ser um para o outro.” O que percebemos na vida daqueles que fizeram a experiência do Espírito, tanto no Pentecostes de Jerusalém como nos subsequentes, é que tal experiência foi determinante para aquilo que viriam a viver posteriormente. A experiência do Espírito *sofrida* pelos discípulos foi decisiva para a capacitação e impulso na missão que haviam sido chamados. De fato, os frutos dessa capacitação do Espírito são facilmente percebidos nos capítulos posteriores à narrativa do acontecimento *Pentecostes*. Por exemplo, Lucas escreve que “Pedro, de pé, junto com os Onze, levantou a voz...” (At 2,14). Atitude de coragem e ousadia que aponta um novo comportamento na figura do pescador pós-Pentecostes.

Realmente, não foi senão depois da vinda do Espírito Santo, no dia de Pentecostes, que os apóstolos partiram para todas as partes do mundo a fim de começarem a grande obra da evangelização da Igreja; e Pedro explica o acontecimento como sendo a realização da profecia de Joel: “eu efundirei o meu Espírito”. E o mesmo Pedro é cheio do Espírito Santo para falar ao povo acerca de Jesus Filho de Deus. Mais tarde, Paulo, também ele é cheio do Espírito Santo antes de se entregar ao seu ministério apostólico, e

do mesmo modo Estevão, quando foi escolhido para a diaconia e algum tempo depois para o testemunho do martírio. (EN 75).

Essa experiência comunitária de efusão do Espírito vai ser evidenciada não somente pela pregação querigmática, mas, sobretudo, pela nova forma de viver da comunidade nascente. A nova vida no Espírito confere a eles um protagonismo de *parresia* naquela sociedade. Tornar-se-ão “fermento na massa” (cf. Lc 13,21), fazendo crescer o reino de Cristo por todas as partes em que haveriam de passar. As atitudes dos discípulos são verdadeiras “demonstrações do Espírito e do poder divino” (1Cor 2,4) que podem ser “vistas e ouvidas” (cf. At 2,33).

A VIDA NO ESPÍRITO: DIMENSÃO ESPIRITUAL DA CULTURA DE PENTECOSTES

Naquele conjunto de experiências vividas pelas primeiras comunidades cristãs na força do Cristo ressuscitado e de seu Espírito, vemos formado um *sistema de concepções* que ajudam a configurar o que aqui chamamos *Cultura de Pentecostes*. Percebemos nesse conjunto de experiências vividas ao menos duas dimensões importantes: a espiritual e a social.

Denominamos *dimensão espiritual da cultura de Pentecostes* a realidade que compreende a cooperação entre o Espírito de Deus e o homem como criação divina. Como sujeito e co-protagonista na Cultura de Pentecostes, o homem (ser humano) necessita da vida de Deus em si mesmo.

O ser humano é o único ser composto de corpo e alma [*corpore et anima unus*]. [...] Está certo pensar que o ser humano é superior às coisas corporais, muito mais do que uma simples peça da natureza ou elemento anônimo da sociedade humana. Pela sua interioridade, ele transcende o universo. Nessa interioridade é que encontra Deus, quando se volta para seu coração, onde o espera Deus, que sonda os corações (1Rs 16,7; Jr 17,10), onde também ele, diante de Deus, decide a orientação a tomar na vida. Desse modo, reconhecendo em si mesmo a alma espiritual e imortal, longe de tornar-se juguete de uma criação imaginária que se explicaria apenas pelas condições físicas

e sociais, o homem, ao contrário, atinge a própria profundidade da realidade. (GS 14).

Para uma atuação ativa como sujeito da cultura de Pentecostes, não é suficiente um “esforço de *auto-aperfeiçoamento*, como se o homem com suas forças pudesse promover o crescimento integral da sua pessoa e conseguir sua salvação. O coração do homem, ferido pelo pecado, só é curado pela graça do Espírito Santo e somente pode viver como verdadeiro filho de Deus, se for sustentado por esta graça.” (JOÃO PAULO II, 1988).

Não se trata, obviamente, de uma vida “desencarnada, privados de empenho responsável na história” (AQUINO, 2003, p. 84), como deixa claro João Paulo II: “A presença do Espírito Santo em nós, de fato, longe de nos impelir para uma ‘evasão’ alienante, penetra e mobiliza o nosso ser: inteligência, vontade, afetividade, corporeidade, para que o nosso ‘homem novo’ (Ef 4,24) impregne o espaço e o tempo da novidade evangélica.” (op. Cit.).

É precisamente nesse sentido que a dimensão espiritual da Cultura de Pentecostes se apresenta: o Espírito Santo presente e atuante no ser humano levando-o a impregnar o espaço e o tempo com a novidade do Evangelho de Jesus Cristo. Portanto, não é possível deixar fora desse *sistema de concepções* o agir do Espírito na vida do homem, ou, dizendo de outra forma, faz-se necessária a “vida no Espírito” para o estabelecimento da cultura de Pentecostes. Afinal, “a vida no Espírito realiza a vocação do homem.” (CIC 1699).

O apóstolo Paulo fala sobre o “Espírito de vida” (pneumatós tês zoês - πνεύματος τῆς ζωῆς) (Rm 8,2). E João, de modo ainda mais enfático, afirma que “o Espírito é que dá a vida” (*to pneuma estin to zōopoiūn* - τὸ πνεῦμά ἐστιν τὸ ζῳοποιῶν) (Jo 6,63a). No Símbolo niceno-constantinopolitano (381), a Igreja adota esta expressão e professa sua fé no Espírito Santo como aquele que “é Senhor e dá a vida” (*Spiritus Sanctum, Dominum et vivificantem*).

De fato, na “história da salvação a vida aparece sempre unida ao Espírito de Deus. Desde a manhã da criação, graças ao sopro divino, como que ‘um sopro de vida’, ‘o sopro transformou-se num ser vivo’ (cf. Gn 2,7).” (Op. Cit., p. 82). Nas Sagradas Escrituras vemos na história do povo eleito o Espírito do Senhor intervindo muitas vezes para salvar Israel

e o guiar mediante os patriarcas, juízes, reis e profetas.

O profeta Ezequiel apresenta de maneira eficaz a situação do povo humilhado pela experiência do exílio, como um vale imenso, repleto de esqueletos aos quais Deus comunica uma nova vida (cf. Ez 37,1-14): ‘O Espírito penetrou neles. Retomando a vida, endireitando-se sobre os seus pés.’ (Ez 37,10).

Esse poder vivificante do Espírito aparece explícito, sobretudo, na história de Jesus que foi concebido no seio de Maria por obra do Espírito Santo (cf. Mt 1,18). Desde o início de sua missão e culminando com a ressurreição, Jesus é animado e dirigido pelo Espírito Santo. E por receber em si a plenitude do Espírito, tornou-se o doador do Espírito (cf. Jo 7,37-39). É Ele quem “batizará não só com água, mas com o Espírito Santo” (Jo 1,33).

Essa vida nova no Espírito é oferecida a todos que, acolhendo livremente ao *parákleto*, passam a viver uma nova lei, a “lei do Espírito que dá a vida em Cristo Jesus” (Rm 8,2). Será essa “lei do Espírito” (νόμος τοῦ πνεύματος) que fundamentará o protagonismo do cristão para o estabelecimento da cultura de Pentecostes. “A Nova Lei é a *graça do Espírito Santo* dada aos fiéis pela fé em Cristo” (CIC 1966), também “denominada *lei de amor*, porque ela leva a agir pelo amor infundido pelo Espírito Santo e não pelo temor.” (CIC 1972).

A afirmação conciliar “homens verdadeiramente novos e construtores de uma humanidade nova com o necessário auxílio da graça” (*vere novi homines et artifices novae humanitatis existant cum necessario auxilio divinae gratiae*) (Op. Cit., p. 31) só pode encontrar seu sentido mais profundo quando relacionada à ação do Espírito na vida do homem. Sem o agir do Espírito no interior do homem, transformando-o “a partir de dentro” e libertando-o do pecado, poderia ele contribuir eficazmente para uma nova humanidade? Não se pode prescindir do necessário auxílio da graça divina (*necessario auxilio divinae gratiae*). Afinal, “se vivemos pelo Espírito, caminhemos também segundo o Espírito” (Gl 5,25), exorta o apóstolo Paulo.

A atuação do Espírito, seu poder de vida, seu auxílio e seu testemunho da verdade são experienciados primeiramente no interior da pessoa, mas essa certeza experiencial busca o exterior, quer ser confirmada no testemunho de vida. O recebimento da

vida nova a partir do Espírito realiza-se na vida diária dos cristãos, a qual, contudo, de modo algum é evidente para o “mundo” (HILBERATH, 2008, p. 440).

É possível encontrar na entrada de alguns batistérios antigos a inscrição: *vitae spiritualis ianua* – “porta da vida no Espírito”. Nessa concepção neo-testamental cristã, é pelo batismo que se participa dessa “vida nova” (Gl 6,15; Rm 6,3-4) e como “nova criatura” (2Cor 5,17; Gl 6,15) os batizados “vestem-se de Cristo” (Gl 3,27). A nova vida do cristão é uma vida no Espírito. O Espírito aqui não envolve meramente a concepção do Antigo Testamento de sopro ou vento, mas trata-se do Espírito que aparece no Evangelho e nos escritos joaninos: o Espírito comunicado por Jesus. O cristão vive quando faz morrer as obras da carne mediante a docilidade à ação do Espírito (Rm 5,25), seguindo a lei do Espírito da vida em Cristo Jesus (Rm 8,2) (DB, p. 963). Trata-se, portanto, da “vida divina, isto é, da vida que tem a sua fonte no Pai e, em Cristo, ‘se manifestou a nós’ (1Jo 1,2) e que pelo renascimento batismal, se comunica ao fiel cristão”, como explica Cantalamessa (1988, p. 108).

Entre esta vida e a vida natural, recebida pelo nascimento humano, não há oposição *real* (ambas provém de Deus, Senhor absoluto de toda a vida, física e espiritual); existe, porém, uma diferença e um contraste na questão *moral* que se exprime nas conhecidas antíteses: natureza/grança, carne/espírito, vida velha/vida nova, vida terrena/vida eterna. (CANTALAMESSA, 1998). É nesse sentido que Paulo escreve: “Os que vivem conforme as inclinações da natureza humana deixam-se arrastar por elas, mas aqueles que vivem de acordo com o Espírito preocupam-se com aquilo que o Espírito quer. De fato, as inclinações da natureza humana levam à morte, mas aquilo que é do Espírito leva à vida e à paz. Os nossos instintos são inimigos de Deus, pois não obedecem à sua lei nem o podem fazer.” (Rm 8,5-7).

TESTEMUNHAS DE PENTECOSTES: A DIMENSÃO SOCIAL DA CULTURA DE PENTECOSTES

Nos testemunhos e relatos das experiências vividas pelas primeiras comunidades cristãs, é possível perceber os traços de uma *dimensão social da Cultura de Pentecostes*.

O primeiro grupo judeu-cristão demonstrava ser uma comunidade muito temerosa: “Viveu por longo tempo confinado na sala superior da casa em que Jesus havia celebrado a última ceia. Mas logo vem Pentecostes, o vendaval que enche a casa, o Espírito que fortalece os corações tímidos e transforma aquelas humildes pessoas em arautos tão vibrantes [...]” (PIERRE, 1982, p.18).

Por ocasião da festa de Pentecostes, a Igreja-mãe de Jerusalém recebe o batismo no Espírito e, por meio de Pedro, proclama publicamente a própria fé. Segundo a narrativa lucana (At 2,39), a proclamação querigmática da Boa Nova é dirigida aos judeus, conforme a promessa, mas também para todos aqueles que estão longe. O historiador Franco Pierini (1998, p. 47) assinala que essa mensagem é dirigida antes de tudo aos povos da diáspora judaica, mas também aos “distantes”, isto é, os pagãos. Lucas fala na adesão de cerca de três mil pessoas (At 2,41), chegando depois ao número de cinco mil (At 4,4) o grupo daqueles que compõem a primeira comunidade primitiva. Dentre as características observadas por Pierini, vemos a adesão à mensagem de Pedro e dos outros ‘apóstolos’, especialmente dos ‘doze’; comunhão fraterna através da solidariedade espiritual e material, levada inclusive à comunhão dos bens; celebração da refeição eucarística nas casas, em memória da refeição feita pelo ‘Senhor’ antes de sua paixão; assiduidade às cerimônias do Templo (Op. Cit.).

Danilo Mondoni (2006, p. 31) observa que nos primeiros tempos de evangelização a mensagem cristã difundiu-se entre os judeus da Palestina, de cultura hebraica, e os da diáspora, de cultura helenística. As comunidades cristãs primitivas eram compostas de crentes provindos de todos os estratos sociais, desde os pescadores que conviveram com Jesus até as pessoas pertencentes aos círculos senatoriais. A maior parte dos cristãos pertencia às classes inferiores; no entanto, as circunstâncias de cada comunidade e a rápida abertura ao mundo da cultura letrada impedem falar do cristianismo primitivo como um movimento social revolucionário, e menos ainda como uma religião de escravos. O cristianismo primitivo contou com a adesão de artesãos, comerciantes e escravos, bem como de nobres e membros da família imperial.

O apóstolo Paulo, “repleto do Espírito Santo” (πλησθῆς πνεύματος ἁγίου) (At 9,17), é responsável pela maior parte da inserção desses novos membros na comunidade cristã, bem como por um conjunto de elementos que ajudarão a dar coesão social ao grupo que estava aderindo à mensagem cristã. Dentre esses elementos que ajudavam a dar coesão interna ao grupo, é possível detectar “aspectos da língua, da prática e dos sentimentos e atitudes expressos pelo grupo como fundamentais para essa coesão social.” (MEEKS, 1992, p. 136). Wayne Meeks vê em Paulo e nos outros fundadores e dirigentes desses grupos um empenho ostensivo no esforço de criar nova realidade social. Eles elaboraram e defenderam uma posição distintiva de crenças, prepararam normas e modelos de advertência e recomendação morais e de controle social que, apesar de muitos lugares-comuns tirados do discurso moral da cultura mais ampla que pudessem conter, ainda assim no conjunto constituíam *ethos* distintivo.

Embora todos esses elementos das comunidades paulinas revelem uma percepção que tinham de sua própria discricção e distinção do ‘mundo’, eles não os levaram a se retirarem para o deserto, como os essênios de Qumrã, observa Meeks. Como pode ser percebido nos escritos paulinos, os grupos “permaneciam nas cidades e seus membros continuavam levando vida ordinária nas ruas e nos arredores.”²

Ao contrário dos judeus, os cristãos se integram na cidade, afirmando sua lealdade. Recusam-se a ser raça à parte ou a viver como imigrantes. Nada os distingue de seus concidadãos, nem a língua, nem a roupa, nem os costumes. Nada de gueto. Quando muito, na rua, o pagão pode notar a simplicidade de seu traje e, quanto à mulher cristã, a ausência de enfeites, a austeridade do tecido e a discricção dos trajes (HAMMAM, 1997, p. 82).

Não obstante, essa maneira nova de viver dos primeiros cristãos estava marcada pela vida nova no Espírito e, como consequência da experiência de Deus e adesão à fé, sentiam-se convencidos a testemunhar Jesus Cristo até as últimas consequências.

Mas, vivendo na cidade, como o cristão deveria comportar-se diante das estátuas dos deuses? E

em seu ofício de artesão, poderia ele construir ídolos ou trabalhar num templo pagão? Poderia ele participar das festas com os pagãos, ou das refeições, jogos e divertimentos? O amor à Verdade e a fidelidade ao ensinamento do Evangelho levaram muitos cristãos aos tribunais e ao martírio.

Para a transformação da sociedade e dos costumes de seu tempo, os primeiros cristãos não podiam isolar-se em guetos, pois isso os tornava ainda mais vulneráveis. Por outro lado, “a pessoa humana tem necessidade de vida social e esta não constitui para ela algo acrescentado, mas é uma exigência de sua natureza.” (GS 25). O Espírito Santo, força de Deus, não era uma ajuda opcional nessas condições. Sem Ele jamais seria possível resistir a todas as investidas que ocorriam contra a igreja nascente e avançar na evangelização.

CONCLUSÃO

Na Encíclica *Dominum et Vivificantem*, sobre o Espírito Santo na vida da Igreja e do mundo, João Paulo II escreve:

A Igreja [...] instruída pelas palavras de Cristo, indo beber da experiência do Pentecostes e da própria ‘história apostólica’, proclama, desde o início, a sua fé no Espírito Santo, como aquele que dá a vida, aquele no qual o imperscrutável Deus uno e trino se comunica aos homens, constituindo neles a nascente da vida eterna. Esta fé, professada ininterruptamente pela Igreja, precisa de ser incessantemente reavivada e aprofundada na consciência do Povo de Deus. (DV, 1-2. *Gri-fo nosso*).

O Papa Paulo VI, em 1973, já havia exortado sobre a necessidade de que “à cristologia, e especialmente à eclesiologia do Concílio Vaticano II, deveria seguir-se um estudo renovado e um culto renovado do Espírito Santo, precisamente como complemento indispensável do ensino conciliar”. Essa insistência dos últimos pontífices e de alguns teólogos católicos sobre a urgência dessa redescoberta da presença e ação do Espírito na Igreja e no mundo parece querer sugerir que, de alguma forma, ocorreu certo arrefecimento pneumático no seio eclesial.

Está claro que o Espírito de Deus nunca deixou de atuar na história da Igreja. E Ele “é aquele que, hoje ainda, como nos inícios da Igreja, age em cada um dos evangelizadores que se deixa possuir e conduzir por Ele [...]” (EN 75). Mas não é suficiente saber ser possuidor do Espírito Santo. É preciso “deixar-se possuir e conduzir” sempre por Ele. Qualquer ação evangelizadora que não venha acompanhada da ação discreta do Espírito Santo permanecerá impotente.

As técnicas de evangelização são boas, obviamente; mas, ainda as mais aperfeiçoadas não poderiam substituir a ação discreta do Espírito Santo. A preparação mais apurada do evangelizador nada faz sem ele. De igual modo, a dialética mais convincente, sem ele, permanece impotente em relação ao espírito dos homens. E, ainda, os mais bem elaborados esquemas com base sociológica e psicológica, sem ele, em breve se demonstram desprovidos de valor. (EN 75).

Obviamente, faz-se necessário também alertar para o perigo de não transferir toda a ação evangelizadora para o Espírito, incorrendo assim na heresia do quietismo. Contudo, a recíproca também torna-se verdadeira. Quando tudo se faz querendo depender exclusivamente do esforço humano, respira-se ares de heresia. A opinião defendida pelo monge Pelágio, no início do século V, - de que tudo posso por mim mesmo, pelas forças próprias; posso cumprir os mandamentos de Deus, também sem a sua graça, mas então não posso com tanta facilidade - foi condenada expressamente pelo magistério (DENZINGER, 2007, 227). MÜHLEN (1974, p. 89) diz que “a mesma existe ainda hoje em dia quando, por exemplo, se projetam estratégias de pastoral, ou quando se crê que uma renovação da Igreja pode ser realizada [tão somente] por meio do planejar, querer e organizar humanos.”

A verdade é que a ação pastoral é uma ação humana, sujeita às contingências da história (DGAE 2011-2015) e, portanto, passível de fracassos. Essa ação pastoral deve ser perpassada pela graça e levada a cabo sob o protagonismo do Espírito, como afirmam os bispos do Brasil.

Além dos necessários *passos metodológicos* propostos para a transformação de nossa sociedade e salvação dos homens, é fundamental em nosso tempo reforçar a ênfase no protagonismo do Espírito na missão da Igreja. Afinal, “no anúncio da Boa Nova, antes do missionário, sempre chega o Espírito Santo, protagonista da missão.”

Diante de tal realidade, parece-nos oportuno relembrar a questão levantada pelo então cardeal Joseph Ratzinger à revista *New Covenant*, em 1992:

Será que vamos descobrir o segredo do primeiro Pentecostes na Igreja? Será que vamos oferecer-nos humildemente ao poder renovador do Espírito Santo para que Ele possa nos libertar da nossa pobreza e da nossa total incapacidade de realizar a tarefa de anunciar Jesus Cristo aos nossos semelhantes? O Cenáculo é o lugar onde os cristãos se deixam, ao acolher o Espírito Santo, ser transformados pela oração. Mas é também o lugar de onde saímos para levar o fogo de Pentecostes aos irmãos e irmãs.³

Na Exortação Apostólica sobre a Evangelização no Mundo Contemporâneo - *Evangelii Nuntiandi*, de 1975, o papa Paulo VI ensinou sobre o Espírito da evangelização, dizendo que:

Realmente, não foi senão depois da vinda do Espírito Santo, no dia de Pentecostes, que os apóstolos partiram para todas as partes do mundo a fim de começarem a grande obra de evangelização da Igreja; e Pedro explica o acontecimento como sendo a realização da profecia de Joel: “Eu infundirei o meu Espírito” (At 2,17). E o mesmo Pedro é cheio do Espírito Santo para falar ao povo acerca de Jesus Filho de Deus (cf. At 4,8). Mais tarde, Paulo, também ele é cheio do Espírito Santo (cf. At 9,17) antes de se entregar ao seu ministério apostólico, e do mesmo modo Estevão, quando foi escolhido para a diaconia e algum tempo depois para o testemunho do martírio (cf. At 6,5; 7,55). (EN 75)

Na mesma linha de pensamento o papa João Paulo II em 1992, ao dirigir-se ao *Rinnovamento nel Spirito Santo*, na Itália, apontou um caminho com claros traços pneumáticos para os evangelizadores de nosso tempo:

³ Citado por Michelle Moran no Boletim do ICCRS de março/abril de 2010. Disponível em <http://iccrs.org/images/uploads/newsletters/NL10-2/NL10-2_Es.pdf> Acesso em: 11/09/2011.

² Ibid. W. Meeks faz uma importante análise exegética sobre 1Cor 5,9-13, cf., p. 163-164.

No nosso tempo, ávido de esperança, faizei com que o Espírito Santo seja conhecido e amado. Assim, ajudareis a fazer que tome forma aquela “cultura do Pentecostes”, a única que pode fecundar a civilização do amor e da convivência entre os povos. Com insistência fervorosa, não vos canseis de invocar: “Vem, ó Espírito Santo! Vem! Vem!”.

Por fim, também caminha nessa mesma direção a V Conferência Latino Americana e do Caribe, quando reconhece a necessidade de um Novo Pentecostes para a Igreja no Continente:

A Igreja necessita de forte comoção que a impeça de se instalar na comodidade, no estancamento e na indiferença, à margem do sofrimento dos pobres do Continente. Necessitamos que cada comunidade cristã se transforme num poderoso centro de irradiação da vida em Cristo. Esperamos um novo Pentecostes que nos livre do cansaço, da desilusão, da acomodação ao ambiente; esperamos uma vinda do Espírito que renove nossa alegria e nossa esperança. Por isso, é imperioso assegurar calorosos espaços de oração comunitária que alimentem o fogo de um ardor incontido e tornem possível um atraente testemunho de unidade “para que o mundo creia” (Jo 17,21). (Doc. Ap. 362).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANCILLI, Ermanno. *Dicionário de Espiritualidade*. Tomo II. Barcelona: Herder, 1983.

AQUINO, Felipe. (org.). *O Espírito Santo - Papa João Paulo II: 34 catequeses sobre o Espírito*. Lorena: Cléofas, 2003.

CANTALAMESSA, Raniero. *O canto do Espírito: meditações sobre o Veni Creator*. Petrópolis: Vozes, 1998.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. 9. ed. São Paulo: Loyola, 2000.

COMBLIN, José. *O tempo da ação: ensaio sobre o Espírito e a História*. Petrópolis: Vozes, 1982.

CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO (CELAM). *Documento de Aparecida* (DA): texto conclusivo da V Conferência

Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe. Brasília: CNBB; São Paulo: Paulus / Paulinas, 2007.

CONGAR, Yves. *Revelação e experiência do Espírito*. São Paulo: Paulinas, 2005.

CONSTITUIÇÃO *Ad Gentes* sobre a atividade missionária da Igreja., In: CONCÍLIO VATICANO II. 1962-1965 *Vaticano II: mensagens, discursos, documentos*. São Paulo: Paulinas, 1998.

CONSTITUIÇÃO PASTORAL *Gaudium et Spes* (GS) sobre a Igreja no mundo de hoje. In: CONCÍLIO VATICANO II. 1962-1965 *Vaticano II: mensagens, discursos, documentos*. São Paulo: Paulinas, 1998.

DENZINGER, Heinrich, 1819-1883. *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral*. São Paulo: Paulinas : Loyola, 2007.

DIRETRIZES GERAIS DA AÇÃO EVANGELIZADORA NO BRASIL. 2011-2015.

HAMMAM, A. G. *A vida cotidiana dos primeiros cristãos* (95-197). São Paulo: Paulus, 1997.

HILBERATH, Bernd Jochen. *Pneumatologia*. In: SCHNEIDER, Theodor (org.). *Manual de Dogmática*. v. 1. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

IRINEU, Santo, Bispo de Lião. *I, II, III, IV, V Livros*. São Paulo: Paulus, 1995. (Patrística). IV, 7,4,20,1; 427-428. JOÃO PAULO II. A vida no Espírito. *L'Osservatore Romano*, 43 (592) de 24.10.1998.

_____. *Dominus et Vivificantem* (DeV), sobre o Espírito Santo na vida da Igreja e do mundo. 1986.

MEEKS, Wayne A. *Os primeiros cristãos urbanos: o mundo social do Apóstolo Paulo*. São Paulo: Paulinas, 1992. (Col. Bíblia e sociologia).

MONDONI, Danilo. *História da Igreja na Antiguidade*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2006.

MÜHLEN, Heribert. *Fé cristã renovada: carisma, espírito, libertação*. São Paulo: Loyola, 1974.

NOGUEIRA, Luiz Eustáquio dos Santos. *O Espírito e o verbo: as duas mãos do Pai*. São Paulo: Paulinas, 1995.

PAULO VI. *Evangelii Nuntiandi, Exortação Apostólica sobre a evangelização no mundo contemporâneo*. (08.12.1975). 12. ed. São Paulo: Paulinas, 1976.

PIERINI, Franco. *Curso de História da Igreja*. São Paulo: Paulus, 1998.

PIERRE, Pierrard. *História da Igreja*. São Paulo: Paulus, 1982.

